

O NASCIMENTO DO CAPITALISMO OCIDENTAL

Existe uma série de versões antagônicas sobre o nascimento do capitalismo ocidental, desde a de Karl Marx em *O Capital* (1867) à de Douglass North e Robert Paul Thomas em *The Rise of the Western World* (1973). Enquanto Marx enfatiza o papel das revoluções e da luta de classes, North e Thomas enfocam principalmente os incentivos e direitos relativos à propriedade. Para Marx, a burguesia conseguiu quebrar as algemas do feudalismo e com isso liberar as forças produtivas. North e Thomas afirmam que, para haver crescimento econômico, a taxa privada de lucro e a taxa social de lucro têm de coincidir. Quando isso aconteceu em grande escala, o capitalismo moderno nasceu. Finalmente, um número imenso de intelectuais acredita que a Revolução Industrial foi muito mais importante para a criação da economia moderna do que o nascimento do capitalismo; em outras palavras, desde a segunda metade do século XVIII, o fator mais importante teria sido a maneira de usar a tecnologia na produção econômica.

Max Weber adotou uma perspectiva diferente a respeito dessas questões, como sabem todos os que conhecem *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904-1905). Nessa obra famosa, Weber procurou mostrar que a religião — ou, mais precisamente, o protestantismo ascético — ajudou a criar um novo tipo de mentalidade econômica, qual seja, o capitalismo racional. Mas o que nem todos sabem é que Weber via o surgimento do capitalismo moderno como um processo gradual, que teve dimensões institucionais assim como culturais e que se estendeu por vários séculos. A influência do protestantismo ascético é apenas um episódio desse longo processo, embora um episódio importante e particularmente fascinante.

Exatidão nos conceitos do capitalismo

Que essa seja a visão de Weber não é algo fácil de deduzir a partir de *A ética protestante*, mas emerge com grande clareza em *Economia e sociedades*, livro escrito na década de 1910, e é até mais evidente ainda num curso que Weber deu na Universidade de Munique em 1919-1920 e que depois foi publicado com o título de *História geral da economia*.¹ Nessa obra, Weber discute a evolução econômica do homem desde a Antiguidade, dando especial atenção aos fatores que acabariam por gerar o capitalismo ocidental. Weber discute não apenas o impacto do protestantismo ascético, mas também a evolução das sociedades anônimas, o surgimento do Estado moderno, a Revolução Industrial e uma miríade de outros fatores. Em resumo, para Weber, o nascimento do capitalismo moderno foi um processo extremamente complexo, *o qual que incluiu a construção do Estado, a criação de muitas instituições econômicas novas, o surgimento de uma nova mentalidade econômica, a introdução da tecnologia e outras inovações.*

Weber pretendia que a *História geral da economia* fosse basicamente uma obra de história econômica, não de sociologia econômica.² A sociologia econômica weberiana encontra-se, na verdade, em *Economia e sociedade*, que fazia parte do compêndio gigantesco sobre economia que Weber estava organizando na década de 1910.³ Muito do material de *Economia e sociedade* pode ser classificado como sociologia econômica, principalmente o capítulo 2 da parte 1, "Categorias sociológicas fundamentais da gestão econômica". Esse capítulo, do tamanho de um pequeno livro (150 páginas), foi escrito mais ou menos na mesma época em que Weber deu seu curso em Munique, mas é de natureza muito diferente. Em primeiro lugar, o capítulo "Categorias sociológicas fundamentais da gestão econômica" tem basicamente um objetivo teórico, qual seja, lançar o alicerce conceitual da sociologia econômica; é, portanto, cheio de definições e contém poucos exemplos históricos. A maioria dos comentários concorda que esse capítulo contém a mais importante de todas as apresentações da sociologia econômica de Weber, mas também costuma ser considerado uma leitura muito árdua.⁴ Na verdade, a principal razão para Weber dar o curso em Munique foi que os alunos achavam suas aulas, que se baseavam nos dois primeiros capítulos de *Economia e sociedade*, muito difíceis de acompanhar.

Por esse motivo, provavelmente seria exigir demais do leitor contemporâneo começar diretamente com "Categorias sociológicas fundamentais da gestão econômica" e, por isso, decidi seguir o exemplo de Weber e apresentar primeiro o teor de *História geral da economia*. Espero que assim o leitor passe momentos mais amenos com a visão weberiana da sociologia econômica e também se familiarize com parte do material histórico que Weber tinha em mente quando construiu suas categorias sociológicas.

Há outro motivo para começar com uma exposição da sociologia econômica de Weber baseada na *História geral da economia*, em lugar de usar o capítulo 2 de *Economia e sociedade*. Começando diretamente com este último, o leitor poderia, inadvertidamente, ter a impressão de que, para Weber, todas as sociedades têm uma esfera chamada "a economia", com uma dinâmica interna própria, além de autônoma. A razão disso é que o capítulo 2 trata principalmente da esfera econômica.⁵ Mas não era assim que Weber via as coisas. Apenas nos tempos modernos, afirma ele, faz sentido falar da existência de uma "esfera econômica", que é, "em princípio, autônoma" e que interage com as outras esferas da sociedade.⁶ A maior parte da história, diz ele, ocorreu em épocas pré-capitalistas, e o que chamamos hoje de "a economia" ou "a esfera econômica", na realidade emergiu muito lentamente.

1.1 HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA

O curso de Weber na Universidade de Munique chamou-se "Resumo de história econômica e social universal" e foi um sucesso retumbante. Weber dava suas aulas no maior auditório da universidade, para cerca de seiscentas pessoas. Logo se sentiu exausto pelo ritmo veloz do curso, escreveu numa carta a um amigo.⁷ O fato de não ter conseguido se concentrar na história econômica em seus últimos anos só aumentava as dificuldades de Weber, a maior parte de sua energia tinha sido canalizada para o compêndio de economia e para um projeto gigantesco sobre a ética econômica de várias religiões.⁸

Depois da morte de Weber, o curso de Munique foi reconstruído por meio das anotações dos alunos e transformado no volume que conhecemos hoje como *História geral da economia*. Como os estudantes de direito da Bavária tinham de saber raquigrafia, foi fácil conseguir uma série de boas anotações do curso. Os editores enfatizaram que Weber nunca teria publicado a obra dessa forma e observaram que "afirmações feitas por ele mostram que considerava [o curso] uma improvisação imposta e com mil deficiências".⁹ Dado que Weber não pôde checar o texto de *História geral da economia*, não há dúvida de que é necessário certa cautela ao utilizá-lo. O texto corrente, por exemplo, contém alguns erros factuais e provavelmente também alguns erros de transcrição.¹⁰

História geral da economia está estruturado da seguinte forma: depois de algumas páginas introdutórias, que contêm uma discussão conceitual e podem muito bem ter sido a matéria da primeira aula de Weber, ele passa para a parte empírica do curso. Os editores dividiram as aulas com teor empírico, que constituem aproximadamente 95% do texto, em quatro capítulos: o grupos sociais e a agricultura pré-capitalista, a indústria pré-capitalista, o

comércio pré-capitalista e um capítulo intitulado “A origem do capitalismo moderno”.

Para os que não têm familiaridade com os primeiros trabalhos de Weber, seja bom saber que existem alguns paralelos interessantes entre o curso de 1919-1920 dado em Munique e uma série de palestras que Weber deu cerca de vinte anos antes em Mannheim, intituladas “O curso do desenvolvimento econômico” (1897).¹¹ Além disso, esta última série foi dividida em quatro partes, com as três primeiras dedicadas ao período pré-capitalista e a quarta intitulada “A situação histórica do capitalismo moderno”. Ambas as séries de palestras dão a clara impressão de que o que mais interessava a Weber na história econômica era o surgimento e a natureza do capitalismo moderno.

1.2 HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA

CAPÍTULO 1: OS GRUPOS SOCIAIS E A AGRICULTURA PRÉ-CAPITALISTA

Muitas das questões históricas que Weber aborda em *História geral da economia* já foram extensamente discutidas por historiadores econômicos contemporâneos, um ponto ao qual voltarei nos próximos capítulos. Por enquanto, cito apenas o que alguns historiadores econômicos de uma geração anterior, como A. P. Usher e Eli Heckscher, pensaram de sua obra. Ambos eram intelectuais exigentes e tinham, em geral, a *História geral da economia* em alta conta. Segundo Heckscher, “A riqueza de idéias de *História geral da economia* [é] de valor incalculável”; segundo Usher, “[Essa obra], considerada isoladamente, foi a contribuição mais importante para a história econômica durante mais de cinquenta anos.”¹²

O primeiro dos quatro capítulos de *História geral da economia* é dedicado à agricultura das sociedades pré-capitalistas. Aqui o conceito central de Weber é “*Agrienerfassung*”, que significa literalmente “constituição agrária”, mas talvez seja mais apropriado traduzi-lo por “organização social e econômica da agricultura”. Fica claro por que *História geral da economia* foi chamada de “sociológica” por Usher, Heckscher e outros quando se percebe que Weber pensa basicamente na evolução das estruturas agrárias ao longo da história em sua relação com os grupos sociais, principalmente a família e o clã.¹³ Também é preciso notar que a abordagem inicial da sociologia econômica de Weber em *Economia e sociedade* foi a de analisar a economia em relação a grupos sociais, e quando Karl Bücher não conseguiu escrever um artigo satisfatório sobre os estragos do desenvolvimento econômico, Weber respondeu ampliando o capítulo sobre esse tema.¹⁴ Como logo veremos, a abordagem original da sociologia econômica de Weber funciona bem para a sociedade pré-capitalista porque ainda não se desenvolvera muito uma esfera econômica autônoma.

Em vez de começar seu curso discutindo o que ele supunha ter acontecido no início da história, talvez com a discussão de algumas descobertas arqueológicas, Weber começa apresentando um tipo antigo de estrutura social — mais exatamente, a constituição agrária de uma aldeia alemã típica da Idade Média. Segundo ele, uma razão para não começar com os primórdios da história é que “não sabemos nada a respeito da vida econômica do homem primitivo”.¹⁵ Suspeita-se também que quisesse facilitar as coisas para seus alunos, utilizando um exemplo da Alemanha. Seja como for, a aldeia alemã típica do período carolíngio é apresentada por Weber de uma forma que lembra o famoso diagrama de von Thünen em *The Isolated State* (1826), com sua série de círculos concêntricos, cada qual representando um tipo diferente de zona (ver fig. 1.1). Na zona 1, ou centro da antiga aldeia alemã, diz Weber, encontram-se as casas individuais dos camponeses e, do lado de fora delas, na zona 2, suas hortas. Os campos estão situados além das hortas, na zona 3, e depois deles estão as áreas de pastagem (zona 4) e, mais além, a floresta (zona 5). Thünen usou seu diagrama para mostrar que a produção agrícola num “Estado isolado” se situaria em zonas diferentes, por causa dos custos de transporte e produção, mas o objetivo de Weber era diferente, ou seja, o de representar a estrutura social. Em decorrência do traçado dos campos, os camponeses tinham de se ajudar uns aos outros e coordenar muitas de suas ações agrícolas, observa etc. Nesse estágio da história, o camponês alemão individual estava, conseqüentemente, “vinculado ao grupo de aldeões em todos os seus atos”. Mas no século XIX aconteceram tantas mudanças no mapa da agricultura da Alemanha que o camponês foi “obrigado [a viver] uma vida econômica individualista”.¹⁶

Em seu curso, Weber não discute apenas a situação dos camponeses alemães, embora conhecesse a história agrícola da Alemanha melhor do que a de qualquer outro país. Usa exemplos do mundo inteiro — China, Índia, Egito e outros países — no capítulo sobre a agricultura pré-capitalista, mostrando a profundidade de seus conhecimentos. No entanto, o que mais interessava a Weber não era tanto a variedade da vida agrícola no mundo inteiro, resava a Weber não era tanto a variedade da vida agrícola no mundo inteiro, e sim o papel que uns poucos grupos sociais universais tinham desempenhado e sim o papel que uns poucos grupos sociais universais tinham desempenhado na vida agrícola, e como esses mudaram durante o curso da história. O clã, por exemplo, era muito importante no estágio inicial da vida agrícola.¹⁷ Às vezes era proprietário da terra, mas o mais importante era que nenhum pedaço de terra podia ser vendido sem sua permissão. O clã era encarregado da segurança e também responsável pelas multas; segundo a tradição, era administrado por um velho que resolvia as pendências e dividia a terra. Com o passar dos séculos, o clã perdeu seu poder no Ocidente, mas continuou forte em outras partes do mundo, como a China. Weber diz que duas forças em

particular ajudaram a eliminar a influência do clã, o Estado, cujo poder sobre seus súditos era ameaçado pelo clã, e o cristianismo, que se ressentia do controle do clã sobre o indivíduo.

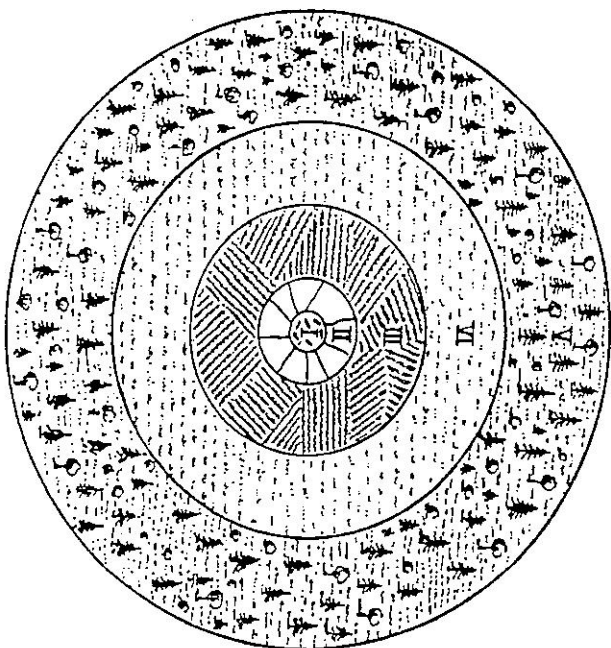


FIGURA 1.1 — UMA ALDEIA ALEMÃ TÍPICA DA ÉPOCA CAROLÍNGIA, SEGUNDO A *HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA* DE WEBER.

Um segundo grupo social que Weber analisa no capítulo sobre agricultura é a família. Uma família pré-capitalista, explica Weber, consistia em uma ou várias células, mas sempre implicava o consumo em comum e, às vezes, também a produção em comum. Uma família podia ser proprietária de terras, mas em geral só possuía meios móveis de produção. Um traço inovador da análise que Weber faz da família é o fato de prestar muita atenção aos diferentes papéis econômicos de homens e mulheres. Tempos atrás, a terra pertencida às mulheres quando era cultivada; e pertencia aos homens quando tinha sido conquistada na guerra. No início da história, as mulheres trabalhavam continuamente, ao passo que os homens só trabalhavam ocasionalmente. As

mulheres foram as primeiras pessoas a trabalhar nos campos e, em consequência, foram “os primeiros agricultores”. O trabalho era extremamente árduo, e “a mulher era um escravo do campo”.¹⁸ Quando o arado substituiu a enxada, diz Weber, os homens começaram a participar muito mais do trabalho agrícola. A caça, a guerra e a agricultura acabaram se tornando tarefas masculinas, enquanto as mulheres eram responsáveis pelos trabalhos que giravam em torno da casa, inclusive a produção têxtil.

Além de examinar a estrutura interna da família, Weber analisa como as famílias combinavam-se entre si e como mudaram com o passar do tempo. Por exemplo: várias famílias podiam unir-se numa forma mais comunal de organização social, como os *zadrugas* ou as comunidades dos Alpes. Filiegiam um chefe e realizavam ações em comum, tanto de produção quanto de consumo. Um tipo muito diferente de processo ocorria quando uma família expandia seu poder sobre outras famílias. Isso podia acontecer por meio da conquista, do surgimento de uma classe militar ou por outros meios, e o resultado era o que Weber chamava de propriedade senhorial,¹⁹ estrutura social cuja forma clássica no Ocidente é a propriedade feudal. O senhor tinha poder jurídico sobre seus súditos, que eram obrigados a lhe pagar por vários serviços. Os pagamentos eram em espécie e usados para a guerra ou pela família do senhor, ou vendidos no mercado. O senhor era um militar, não um agricultor, e exigia uma renda fixa de seus súditos. O resultado da propriedade senhorial foi o tradicionalismo econômico, bem como dependências sociais e econômicas complexas entre o senhor e seus súditos.

O fato de não existirem esferas claramente separadas na sociedade antiga também significava que os grupos políticos eram agentes econômicos centrais. Do ponto de vista fiscal, o Estado, diz Weber, podia ser organizado tanto como um “Estado litúrgico” quanto como um “Estado tributário”.²⁰ O primeiro tipo significava que as contribuições ao Estado eram em espécie, que os súditos eram servis e que os diferentes grupos sociais tinham obrigações diferentes. No Estado tributário, os súditos eram formalmente livres e tratados como fontes de impostos. Outra distinção fiscal importante desse período está relacionada com o grau de centralização da administração: ou o rei controlava diretamente toda a administração e a remunerava, ou cedia terras a subordinados que, por sua vez, controlavam a administração e a remuneravam. Segundo Weber, os impérios cujo poder político se baseava no controle dos suprimentos de água tendiam a dispor de uma administração fiscal centralizada. Foi o que aconteceu principalmente na Mesopotâmia e no Egito Antigo. No Ocidente, por outro lado, que tem uma geografia e um clima muito diferentes, a administração tendeu a ser descentralizada.

O capítulo sobre agricultura de *História geral da economia* termina com uma discussão acerca da situação dos grupos sociais pouco antes do surgimento do capitalismo moderno. Nessa época, os grupos sociais-chave tinham passado por mudanças profundas: o clã perdera sua influência no Ocidente e os grandes troncos familiares não eram mais importantes proprietários de terras. Na verdade, o princípio da propriedade privada individual tinha se estabelecido firmemente. A forma pela qual o sistema senhorial se dissolveu, diz Weber, teve conseqüências econômicas e políticas de peso. Os camponeses saíram do processo com ou sem propriedade, e a classe agrícola dominante ou perdeu seu poder, a exemplo do que aconteceu na França, ou continuou sendo um agente importante, como no caso dos *Junkers* da Alemanha. O que desfez o sistema da propriedade feudal, segundo Weber, foi o fato de o mercado ter começado a dissolver as interdependências complexas que existiam entre o camponês e o senhor. A burguesia das cidades também acabou desenvolvendo um poder próprio e desafiou o domínio dos nobres.

1.3 HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA

CAPÍTULO 2: A INDÚSTRIA PRÉ-CAPITALISTA

Depois de apresentar a organização social e econômica da agricultura, Weber passa para a indústria pré-capitalista no capítulo 2 de *História geral da economia*. A noção de "indústria" recebe uma definição técnica, como "transformação de matéria-prima".²¹ Mas o principal enfoque dessa parte são as diferentes formas nas quais essa transformação foi organizada e não tanto a evolução da tecnologia. Weber discute primeiro a relação entre algumas formas básicas de organização social e a indústria, como a família e a aldeia; depois analisa várias organizações econômicas, principalmente a guilda e a fábrica. Muitos comentaristas da *História geral da economia* elogiam o capítulo sobre a indústria. A. P. Usher e Georg von Below, por exemplo, acharam particularmente interessante a análise que Weber faz das guildas.²²

A primeira forma de indústria, diz Weber, desenvolveu-se no âmbito familiar. Mais tarde, as famílias começaram a produzir para outras famílias; também surgiram indústrias de aldeias. Seus produtores podiam ou não ser vendidos no mercado. Em certas circunstâncias, como na Índia, as indústrias tribais podiam congelar-se num sistema de casta, com cada tipo participando de uma complicada divisão do trabalho. Mas também havia a possibilidade de produzir para o mercado, o que implicava uma dinâmica muito diferente daquela de produzir para o senhor feudal local ou para a própria aldeia. Quando uma família entrava em contato com o mercado, o tradicionalismo enfraquecia. Ou, nas palavras de Weber, "Era feita, por assim dizer, uma

abertura na parede da economia auto-suficiente da família e uma janela se abria para o mercado."²³

Durante a Antigüidade, também havia oficinas nas cidades (*ergasterion*), onde muitas vezes os escravos trabalhavam. Essas atividades exigiam pouco capital fixo e os operários trabalhavam lado a lado e produziam o mesmo artigo. Na Idade Média, os escravos renderam a desaparecer e foram substituídos por artesãos, que cresceram em número e se reuniram nas cidades. Os mercados da Idade Média eram consideravelmente maiores do que os da Antigüidade, e também havia um diferente padrão de consumo entre a população — dois fatores que atraíram os artesãos. Vários fatores econômicos e políticos ajudaram a solapar a escravidão durante a Idade Média, em particular, o fato de os escravos terem escasseado e se tornado muito caros. Além disso, não eram fáceis de motivar, exceto por meio de rigorosa disciplina, e constituíam investimentos de risco, uma vez que podiam morrer ou fugir.

As próximas formas de organização industrial mais importantes foram as guildas, o sistema de trabalho externo ou a domicílio (*putting out system*) e a fábrica moderna. As guildas não existiam na Antigüidade porque pressunham rituais comuns, que não podiam existir quando escravos e homens livres trabalhavam juntos, como acontecia freqüentemente nas oficinas dessa época. As guildas não se tornaram uma forma predominante de organização industrial nem na China, nem na Índia — na primeira por causa da economia de clã e na segunda por causa do sistema de casta. As guildas só triunfaram no Ocidente, em grande medida por causa do papel que as cidades desempenharam na Idade Média. Schmoller estava errado, observou Weber, ao dizer que as guildas se originaram na casa do senhor de terras. Sua origem foi claramente urbana, embora ainda se desconhecem muitos detalhes desse processo.

A guilda ocidental caracterizava-se, sobretudo, pela regulamentação interna e pela tentativa de monopolizar uma forma de ação econômica. Seu objetivo era garantir certo modo de vida para seus membros e, ao fazê-lo, introduziu medidas que encorajavam o tradicionalismo. Por exemplo, apenas certas matérias-primas e técnicas podiam ser usadas, ao mesmo tempo em que a redução de preços e outras formas de concorrência entre seus membros eram proibidas. À medida que aumentava o número potencial de membros das guildas, estas tendiam a ficar mais fechadas, adaptando iniciativas que tornavam economicamente impossível a entrada de novos membros. A divisão de trabalho no interior das guildas não era progressiva, concentrando-se mais num objeto como um todo do que em momentos individuais do processo de trabalho. Por exemplo: um membro de uma guilda produzia túnicas, outro, calças e assim por diante.

As guildas foram substituídas pelo sistema de trabalho a domicílio e sua queda deveu-se, particularmente, à seu tradicionalismo econômico. O sistema de trabalho a domicílio, diz Weber, não teve sua origem nas guildas; desenvolveu-se paralelamente até sobrepujá-las. Esse processo foi rápido na Inglaterra, onde as guildas foram superadas com facilidade, mas foi consideravelmente mais lento na Alemanha, onde as cidades e as guildas tinham mais poder. O sistema de trabalho a domicílio começou muitas vezes como monopólio da compra que depois se expandiu para monopólio da matéria-prima, do processo de produção, das ferramentas e até de partes importantes do processo de trabalho. Embora o sistema de trabalho a domicílio também existisse fora da Europa -- como na China e na Índia, por exemplo -- os dois últimos estágios -- monopólio do fornecimento de ferramentas e de etapas do processo de trabalho -- eram raros.

O sistema de oficinas não se desenvolveu a partir do sistema de trabalho a domicílio; teve sua própria tradição, começando com o *ergazation* da Antiguidade e as oficinas gigantescas do Egito. Segundo Weber, duas características particulares distinguem a oficina industrial moderna do sistema de trabalho a domicílio: as atividades domésticas eram separadas da compra e havia capital fixo -- isto é, um capital que excedia em muito o valor de algumas ferramentas simples. Repetindo: foi só no Ocidente que a fábrica se desenvolveu; e mesmo que na Índia, por exemplo, houvesse boa tecnologia, o sistema de castas constituía um obstáculo óbvio, assim como o clã na China.

Embora considerasse o surgimento da maquinaria moderna importantíssimo, Weber rejeita firmemente o determinismo tecnológico e afirma que "a fábrica moderna não nasceu das máquinas".²⁶ O que Weber considera tão importantes quanto as próprias máquinas são fatores como capital, mercado de consumo de massa, trabalho livre e o surgimento da disciplina do trabalho. Juntos, todos esses fatores possibilitaram produzir para um mercado de massas, com o uso do cálculo sistemático. A fábrica moderna foi uma resposta a todo esse processo, e não uma força que tenha surgido de forma independente. "Economicamente", Weber chega a dizer: "a importância das máquinas está na introdução do cálculo sistemático."²⁵

1.4 HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA

CAPÍTULO 3: O COMÉRCIO PRÉ-CAPITALISTA

O terceiro capítulo da *História geral da economia* trata do comércio pré-capitalista e foi criticada por A. P. Usher por negligenciar certos tipos de comércio e a maneira como eram liquidadas as contas inter-regionais.²⁶ A essas

lacunas podemos acrescentar que Weber não fala praticamente nada a respeito do direito comercial -- o que é estranho, pois ele se interessava muito pela relação entre direito e economia --, e que nós hoje sabemos muito mais sobre assuntos como o comércio intercultural e a atividade bancária medieval do que se sabia em sua época. Apesar disso, o capítulo sobre comércio em *História geral da economia* é rico em informações e contém algumas idéias extremamente sugestivas acerca do surgimento de instituições econômicas. Apesar de mente sugestivas acerca do surgimento de instituições econômicas. Apesar de tudo, Weber consegue mostrar não só a história do comércio de dinheiro (incluindo seu transporte), como também a história do comércio de páginas (incluindo a atividade bancária), num número muito pequeno de páginas. E em relação às idéias sugestivas, Weber afirma que várias características da empresa moderna têm sua origem nas práticas comerciais pré-capitalistas, como as idéias de criar uma conta de capital e de separar a propriedade da empresa da propriedade individual.

Ao apresentar a história do comércio pré-capitalista, Weber começa examinando a relação entre grupos sociais e economia, e depois analisa as organizações econômicas. O comércio, diz, surgiu historicamente das interações entre tribos e foi, conseqüentemente, um "fenômeno externo". As primeiras formas de comércio também incluíam o comércio de presentes entre os governantes e o comércio senhorial, que se dava quando havia um excedente na propriedade rural de um senhor. Mas logo o comércio se tornou uma ação distinta, com certos indivíduos, grupos e até comunidades inteiras fazendo dela sua especialidade. Os judeus, por exemplo, muitas vezes escolhiam o comércio como ocupação por motivos religiosos: era muito mais fácil seguir os rituais do judaísmo quando o indivíduo era comerciante do que quando era agricultor. Enquanto os primeiros mercados eram itinerantes e tinham de acompanhar suas mercadorias, a partir do fim da Idade Média eles puderam permanecer num único lugar e continuar comerciando. Weber também distingue o "comerciante de fora" do "comerciante residente": o primeiro conseguia seu lucro cobrindo distâncias enormes, e o segundo, com o monopólio de algum mercado local.²⁷ As corporações de comerciantes também refletiam essa distinção: as corporações de comerciantes domésticos eram criadas para garantir o monopólio de alguns comerciantes locais contra estrangeiros, judeus e comerciantes do interior; da mesma forma, as corporações comerciais para estrangeiros tinham como principal objetivo proteger legalmente seus membros dos comerciantes e autoridades locais.

Weber discute ainda alguns dos diferentes tipos de mercados das sociedades pré-capitalistas. Desde o princípio, lugares especiais eram usados como mercados, e era ali que o comércio tinha de ser feito. Os mercados podiam,

por exemplo, ser estabelecidos em ruas das cidades especialmente designadas para isso, ou em algum lugar especial no território de um senhor. Neste último caso, os comerciantes em geral tinham de tomar uma determinada estrada para chegar ao mercado e, uma vez lá, quase sempre pagavam uma comissão compulsória e outros tipos de taxas ao senhor. Nesse ponto de sua exposição, Weber menciona as regulamentações relativas a pesos e medidas e o fato de que também podia ser obrigatório usar o guindaste do senhor. Os mercados onde os comerciantes faziam negócios exclusivamente com outros comerciantes eram chamados de feiras; e Weber discute sucintamente as mais famosas delas, as feiras da Champagne, onde as contas internacionais eram liquidadas. Provavelmente, é em relação a esse ponto que Usher desejaria que Weber tivesse feito uma exposição mais completa.

Segundo Weber, duas características-chave da empresa moderna nasceram das púncias práticas comerciais. Uma foi a conta de capital, ou a idéia de que se pode avaliar o lucro calculando a diferença entre o capital antes e depois de fazer um negócio. Num empreendimento marítimo, era comum duas partes se reunirem, uma delas fornecendo todo o capital ou a maior parte deste (conhecido como comenda), enquanto a outra parte viajava com as mercadorias até seu destino, investindo uma pequena parte do capital ou mesmo nenhum. Quando a parte que permanecia em terra investia todo o capital, tinha direito a três quartos do lucro; quando investia dois terços, recebia metade do lucro. "O aspecto característico desse negócio [a comenda]", diz Weber, "foi o fato de a conta de capital ter sido empregada pela primeira vez."²⁸

Uma segunda característica-chave da empresa moderna, e que tem raízes nas práticas comerciais antigas, é a separação entre a propriedade que pertence à empresa e a propriedade pessoal de seus membros. Em todo o mundo, diz Weber, originalmente a unidade comercial era a família e, nesta, a propriedade individual e a propriedade da empresa não se distinguiam uma da outra. Mas, à medida que outras pessoas além dos membros da família começaram a trabalhar na firma, e principalmente quando a necessidade de crédito foi aumentando, tornou-se cada vez mais necessário separar as duas. A primeira vez em que isso aconteceu, diz Weber, foi em Florença no início do século XIV, e o nome escolhido para designar a propriedade da firma foi *corpo della compagnia*.²⁹

Como já foi dito, Weber incluiu não apenas a compra e venda de mercadorias em seu conceito de comércio, mas também a compra e venda de dinheiro. O leitor de *História geral da economia* é informado que, antigamente, havia muitos tipos de dinheiro. O dinheiro podia assumir a forma de contas ou peles; e enquanto um tipo de dinheiro devia ser usado para comprar gado, era preciso dispor de um outro tipo para comprar uma noiva,

por exemplo. A cunhagem de moedas foi inventada no século VII, embora mais de mil anos se passassem antes de haver uma produção regular de moedas de qualidade e valor constante. O Estado controlava a produção de moedas na Antigüidade, mas, durante a Idade Média, os senhores locais assumiram essa tarefa a fim de lutar com a cobrança de uma taxa pela cunhagem e com a adulteração da moeda. Isso resultou no que Weber chama de "irracionalidade da cunhagem".³⁰ Por fim, o Estado reconquistou o controle sobre a produção de dinheiro e, mais tarde — em vez de apenas lutar com o controle da cunhagem —, desenvolveu também uma política monetária nacional, isto é, uma política cujo objetivo era a manutenção de uma economia operante.

Um traço inovador da análise que Weber faz do dinheiro e da atividade bancária é a forma como usa a diferença entre o que acontece dentro e o que acontece fora de um grupo social para explicar tipos diferentes de comportamento econômico. Um certo tipo de dinheiro, diz Weber, foi usado originalmente dentro, e não fora, de uma comunidade. Somente quando o "dinheiro externo" começou a sobrepujar e fundir-se com o "dinheiro interno" é que surgiu um tipo geral de dinheiro.³¹ Da mesma forma, segundo Weber, originalmente era proibido cobrar juros de pessoas que pertenciam à própria comunidade, diz Weber, em parte porque não se deve lutar com suas dificuldades, mas também porque os membros de uma comunidade têm de ter condições de se armar e por isso não poderiam ter dívidas. Mas era perfeitamente aceitável cobrar qualquer juro dos estrangeiros ou lê-los de qualquer outra forma. Em outras palavras, havia duas espécies distintas de ética — a interna e a externa.³² Com relação à discussão sobre os juros, Weber também lembra que embora a Igreja Católica proibisse a sua cobrança, teve de aceitar *de facto* que os bancos lucrassem dessa forma já no século XV. Os protestantes acabariam com a interdição à usura um pouco mais tarde, no Norte da Europa.

1.5 HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA

CAPÍTULO 4: A ORIGEM DO CAPITALISMO MODERNO

O quarto e último capítulo da *História geral da economia* trata do tema favorito de Weber, a origem do capitalismo moderno, e também contém material polémico. Os comentaristas recebiam a parte final de maneira variada: Heckscher a considerava "imensamente inferior" ao material precedente, ao passo que Usher e von Below achavam-na "sugestiva" (embora este último remesse que não fosse entendida, exatamente como *A ética protestante*).³³ Mais recentemente, Randall Collins publicou um artigo na *American Sociological Review* sobre a última parte da *História geral da economia*, afirmando

que constitui o único lugar na obra de Weber onde é possível encontrar uma teoria completa sobre como surgiu o capitalismo ocidental. Mais que isso: enquanto *A ética protestante* concentra-se principalmente nos "fatores ideais", a parte final de *História geral da economia* nos dá "a mais fundamental teoria histórica e institucional" que Weber apresentou em suas últimas obras.³⁴ O próprio Collins também procura sistematizar e formalizar a argumentação de Weber e apresenta ao leitor um modelo da "cadeia causal weberiana".

Embora se possa fazer algumas objeções menores à análise de Collins, ele certamente tem razão ao afirmar que a última parte de *História geral da economia* dá ao leitor um vislumbre fascinante da visão que Weber tinha, em seus últimos anos de vida, do surgimento do capitalismo moderno.³⁵ Também fica claro que Weber estava tão ansioso por criticar teorias rivais sobre a origem do capitalismo — principalmente a de Sombart — quanto para apresentar sua própria teoria daquilo que chamava de capitalismo racional "ocidental" ou "moderno".³⁶ Em geral, Weber criticava a idéia de que um único fator pudesse ser considerado responsável pelo nascimento do capitalismo ocidental, fosse ele o aumento populacional, a revolução dos preços dos séculos XVI e XVII ou as inovações tecnológicas. Mesmo assim, alguns dos fenômenos isolados pelas teorias do fator único desempenhavam papéis importantes nos processos que levaram ao capitalismo. Como exemplo disso, menciona a geografia da Europa (onde as florestas e as chuvas desencorajaram a centralização política), o crescimento das indústrias vinculadas à guerra e de indústrias de artigos de luxo. Finalmente, Weber também rejeitou as teorias segundo as quais foram os judeus ou o colonialismo que geraram o capitalismo. O colonialismo levou à acumulação de fortunas, nota Weber, mas não à introdução da produção voltada para o mercado, que é o que caracteriza o capitalismo moderno. E embora os judeus possam ter sido habilidosos no comércio do dinheiro, não desempenharam papel algum na criação do capitalismo industrial e acabaram, em vez disso, criando uma espécie de "capitalismo pária".³⁷

Em vários pontos de *História geral da economia*, Weber resume os fatores que levaram ao surgimento do capitalismo ocidental ou capitalismo racional, quais foram seus pré-requisitos e suas características gerais. Ao todo, três sínteses desse tipo podem ser encontradas em *História geral da economia*. Como Weber não teve a oportunidade de reter o texto de suas aulas antes de ser publicado, essas sínteses não são perfeitamente iguais. Apesar disso, são ins-
 trutivas e dão uma idéia de quais fatores ele via como críticos nesse contexto (ver quadro 1.1). Em geral, pode-se dizer que Weber acreditava que havia três tipos de fatores que levaram à formação do capitalismo ocidental: fatores econômicos, políticos e religiosos.

Como fatores econômicos, Weber destaca a contabilidade moderna, o trabalho livre e o surgimento dos mercados de massa. Também é preciso acrescentar os seguintes fatores, que ele discute mais detalhadamente: o surgimento da sociedade anônima ou sociedade por ações, a especulação racional, a fábrica e a ciência e tecnologia modernas. A complicada história da sociedade por ações é esboçada em poucas páginas, que abrangem seu nascimento nas empresas estatais e municipais da Antiguidade e da Idade Média, bem como sua popularização por meio das Companhias das Índias Ocidentais, muitos séculos depois. Ele também discute o surgimento, entre os séculos XVI e XVIII, dos mercados modernos, nos quais os comerciantes não eram obrigados a levar seus mercadorias e podiam especular com futuros ou mercadorias que ainda não existiam. E, por fim, embora Weber achasse importante enfatizar que a fábrica moderna constituía uma organização social distinta, e não apenas uma unidade técnica, considerava o surgimento da tecnologia racional — bem como sua aliança com a ciência — um fator central para o nascimento do capitalismo moderno. No capítulo sobre tecnologia industrial, Weber também observa que, caso não se tivesse descoberto que o carvão (e não apenas a madeira) podia ser usado para produzir ferro na Inglaterra do século XVIII, o capitalismo talvez não tivesse conseguido se desenvolver mais.

A idéia de que a evolução do capitalismo poderia ter sido interrompida também está presente na discussão de Weber sobre o segundo grupo de fatores que ajudaram a criar o capitalismo moderno, qual seja, os fatores políticos. Um deles é a noção de cidadania ou a idéia de que o indivíduo pode pertencer a uma organização política que é distinta de unidades sociais como a família e o clã. A idéia de que um indivíduo poderia participar de uma comunidade política distinta, com outras pessoas, e quebrar as barreiras invisíveis que circundam a família e o clã, apareceu pela primeira vez na cidade ocidental, diz Weber, e seria mais tarde incorporada ao Estado moderno. À medida que o Estado-nação surgia, acrescenta, não apenas a independência das cidades foi esmagada, mas também a idéia original de cidadania. Porém, como os Estados individuais competem uns com os outros por capital, foi garantida uma certa independência aos agentes econômicos do Ocidente, assim como a outros grupos. O "Estado racional" também desenvolveu uma burocracia confiável, um sistema organizatório avançado e uma política econômica sistemática. A isso é preciso acrescentar um sistema jurídico especial que proporcionava aos agentes econômicos um meio ambiente jurídico previsível.

Weber teve de voltar a um período histórico muito anterior a fim de explicar adequadamente a contribuição dos fatores políticos para o nascimento

QUADRO 1.1 - O CAPITALISMO RACIONAL DO OCIDENTE: SUAS CAUSAS, PRESSUPOSTOS E CARACTERÍSTICAS, SEGUNDO A *HISTÓRIA GERAL DA ECONOMIA DE WEBER*.

<p>A. Fatores que "em última instância (...) produziram o capitalismo":</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. a empresa racional (permanente) 2. a contabilidade racional 3. a tecnologia racional 4. o direito racional 5. o espírito racional 6. a racionalização da conduta de vida 7. uma ética econômica racionalista
<p>B. "Os pressupostos mais gerais do (...) capitalismo atual":</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. a conta racional de capital 2. a liberdade do mercado 3. a tecnologia racional 4. o direito racional ou calculável 5. o trabalho livre 6. a comercialização da vida econômica
<p>C. "Características que distinguem o capitalismo ocidental e suas causas":</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. uma organização racional do trabalho 2. ausência de separação entre economia interna e externa 3. o Estado moderno 4. o direito racional 5. a ciência moderna 6. uma ética racional para a conduta de vida

Fonte: Max Weber, *General Economic History* (New Brunswick, N. J.: Transaction Books, 1981), p. 354, 276-277, 312-314.

Comentário: A existência de discrepâncias entre essas listas é algo que provavelmente se explica pelo fato de a *História geral da economia* basear-se em notas tomadas pelos alunos de Weber durante um de seus cursos que nunca foram revistas por ele. Em seus escritos, Weber também registra a idéia de que qualquer um dos fatores seguintes tivesse levado, isoladamente, ao surgimento do capitalismo ocidental: crescimento populacional, avanços tecnológicos, judaísmo, entrada de metais preciosos, demanda criada pelos militares ou demanda por artigos de luxo. Em *Economia e sociedade*, Weber enumera uma série de fatores essenciais para o "máximo de racionalidade formal da conta de capital", fatores muito semelhantes aos dessas três listas (*Economy and Society* [Berkeley: University of California Press, 1978], p. 161-162).

do capitalismo moderno, e teve de voltar a um período ainda mais remoto para definir o papel desempenhado pelo último dos três fatores: a religião. Segundo Weber, a religião ajudou a fazer avançar a causa do capitalismo racional principalmente de duas maneiras. Em primeiro lugar, no início da história, o controle do tradicionalismo sobre a sociedade era fortalecido pela crença na magia. O judaísmo ajudou a quebrar o tradicionalismo graças à sua hostilidade em relação à magia e também por meio da profecia. A contribuição mais importante do judaísmo para o surgimento do capitalismo racional não foi, portanto, a oposição dos judeus à doutrina econômica da Igreja Católica, com o que teriam liberado o capitalismo moderno, como afirmou Sombart,³⁸ e sim que o judaísmo retirou a magia da religião e, em certa medida, deu-lhe uma direção diferente da tradicional.

A segunda maior contribuição que a religião fez para o nascimento do capitalismo racional foi ajudar a eliminar a atitude negativa da Igreja Católica em relação às questões econômicas, principalmente a idéia de que a ação econômica metódica, como sentido de vida, fosse algo negativo. Essa mudança ocorreu principalmente com a introdução do conceito de vocação, ou da idéia de que o trabalho sistemático, inclusive a obtenção de lucros, tinha um valor religioso. Originalmente, diz Weber, havia dois tipos de ética econômica em todas as comunidades: uma "ética interna", segundo a qual você não devia lutar com seus confrades, e uma "ética externa", que dizia que qualquer comportamento econômico com os estrangeiros era justo, por mais lesivo que fosse.³⁹ Aos poucos, essas duas éticas econômicas começaram a se fundir no Ocidente, mas o resultado foi um acordo instável, pois a Igreja Católica sustentava das forças econômicas, bem como da motivação por lucro. Mas os protestantes ascéticos conseguiram harmonizar as duas coisas, por acreditarem que o trabalho sistemático e a obtenção honesta de lucros eram formas legítimas de honrar a Deus, e que todos os seres humanos deviam ser tratados da mesma forma. O resultado foi que a obtenção de lucros foi liberada da antiga desaprovção da Igreja e que os estrangeiros e os membros da própria comunidade passaram a ser tratados da mesma forma em questões econômicas.

O resultado involuntário de todos esses diferentes processos de desenvolvimento foi o surgimento de um sistema econômico que Weber chamou de capitalismo racional ou capitalismo ocidental. As formas anteriores de capitalismo foram um tipo de capitalismo político — isto é, uma forma de capitalismo que estava diretamente vinculada ao sistema político. Embora, na *História geral da economia*, não defina exatamente o que queria dizer com capitalismo racional ou exponha claramente como ele surge, Weber sugere, em suas aulas, o que pensava a respeito dessas questões. O capitalismo racio-

nal pressupõe uma sociedade em que o tradicionalismo perdeu sua influência sobre as pessoas e onde o sistema predominantemente de valores é favorável à obtenção de lucros. Também pressupõe um Estado político em que o sistema jurídico é previsível e a garantia de uma área na sociedade com certa autonomia para as ações econômicas. E, em termos econômicos, capitalismo racional significa que a economia é organizada em empresas racionais, que produzem para mercados de massa e calculam o lucro usando a conta de capital. A tecnologia racional é usada e o trabalho é formalmente livre.

* * *

Poderíamos dizer que a *História geral da economia* contém uma visão extremamente rica da evolução econômica do Ocidente, inclusive do nascimento do capitalismo moderno. A obra de Weber está cheia de novas idéias e conceitos, muitos dos quais nunca foram explorados. Também é claro que ele tinha sua visão pessoal da evolução do capitalismo ocidental, que merece ser levada a sério e tornar-se parte do debate atual sobre desenvolvimento econômico. Da forma como estão as coisas hoje em dia, só um punhado de historiadores econômicos e sociólogos parece considerar a *História geral da economia* com seriedade.

É verdade que é preciso ter um certo cuidado ao nos referirmos à *História geral da economia*, pois Weber não teve a oportunidade de revisar o texto pessoalmente. Mas podemos comparar muitos dos argumentos da *História geral da economia* com *Economia e sociedades*, que conta a mesma história exposta no curso de um ângulo diferente, o da *sociologia econômica*. Agora estamos em condições de passar diretamente para o crucial capítulo 2 da parte I de *Economia e sociedades*, "Categorias sociológicas fundamentais da gestão econômica".

NOTAS

¹ O título em inglês, *General Economic History*, foi escolhido por seu tradutor, o economista Frank Knight. O título alemão original, escolhido pelos dois organizadores (Melchior Palvi e Siegmund Hellmann), e presumivelmente também aprovado pela viúva de Weber, é *Wirtschaftsgeschichte*. Para uma lista bibliográfica das obras de Weber sobre sociologia econômica, ver Richard Swedberg, "Max Weber Economic Sociology: A Bibliography", *Working Papers Working Organization-Economy*, Stockholm University, Department of Sociology, 1998.

² Em *Economia e sociedade*, Weber afirma que, enquanto a sociologia tem por objetivo desvelar "conceitos de tipo" e "uniformidades generalizadas" para explicar a realidade social, a história tem um objetivo diferente, qual seja, explicar estruturas, ações e personalidades "individuais". A sociologia é uma ciência generalizante — ao contrário da história, que é individualizante — e, por isso, vai desenvolver conceitos mais abstratos, mas também mais exatos.

Ver Max Weber, *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology* (Berkeley: University of California Press, 1978), p. 19, ou *Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der verstehenden Soziologie* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1972), p. 9. Num famosa carta a Georg von Below, escrita alguns anos antes, Weber diz que a sociologia realiza um "trabalho preparatório muito modesto" em relação à história. Ver Weber, carta a von Below, datada de 21 de junho de 1914, e reproduzida nas p. xxiv-xxv, em Georg von Below, *Der deutsche Staat des Mittelalters* (Leipzig: Quelle und Meyer, 1925). Pode-se acrescentar que, na introdução conceitual de *História geral da economia* (que Frank Knight omitiu da tradução inglesa), Weber trata a questão das similaridades e diferenças entre história econômica e teoria econômica.

³ Sobre o nascimento de *Economia e sociedade*, bem como do manual de ciência econômica (*Grundriss der Sozialökonomik*), ver o apêndice, que trata da evolução do pensamento de Weber no campo dos estudos econômicos. O conteúdo do manual e sua redação são discutidos no capítulo 6.

⁴ Talcott Parsons disse que, "com o termo 'sociologia econômica de Weber', referimo-nos ao capítulo 2 [de *Economia e sociedade*]", e, segundo Otto von Hinze, "o segundo capítulo [da parte I] de *Economia e sociedade* pode ser caracterizado resumidamente como 'sociologia econômica'". Alan Sica fala do "irrescimo quase ilegível de definição em cima de definição" no capítulo 2; Herbert Marcuse, ao comentar os primeiros capítulos de *Economia e sociedade*, falou de suas "verdadeiras orgias de definições formais, classificações [e] tipologias"; e, segundo Guenther Roth, o capítulo 2 "mostrou ser um desperdício de esforço" e "economistas e sociólogos [com poucas exceções] o ignoraram". Ver Talcott Parsons, "Occupation and Economy", p. 407, do v. 1, de *Theories of Society* (Glencoe, Ill.: Free Press, 1961); Otto von Hinze, "Max Webers Religionssoziologie" (1922), p. 126, em *Soziologie und Geschichte* (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1982); Alan Sica, *Weber Rationality and Social Order* (Berkeley: University of California Press, 1988), p. 146, 208; Herbert Marcuse, "Industrialism and Capitalism", p. 134, em Otto Stammer (org.), *Max Weber and Sociology Today* (Nova York: Harper Torchbacks, 1971); e Guenther Roth, "Weber's Political Culture", *Yale*, n. 78, Winter 1988-1989, p. 149.

⁵ O termo usado na introdução ao capítulo 2 é "Wirtschaft", traduzido para o inglês como "the economic sphere" ["a esfera econômica"]. Weber, *Economy and Society*, op. cit., p. 63, on *Wirtschaft und Gesellschaft*, op. cit., p. 31.

⁶ Max Weber, *Wirtschaftsgeschichte. Abriss der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* (Berlin: Duncker & Humblot, 1991), p. 16. Note que Weber está falando de economia no sentido de uma economia voltada para o lucro (*Erwerbswirtschaft*). Note também que, segundo Weber, existem ligações orgânicas entre as esferas econômica e política na sociedade moderna (para uma discussão sobre esse tópico, ver o próximo capítulo). Weber usa "esfera" com vários sentidos diferentes e em muitas passagens diferentes de sua obra, estando as mais famosas delas em "A política como vocação" e "Religiões religiosas do mundo e de suas orientações", ver, por exemplo, Hans Gerth & C. Wright Mills (orgs.), *From Max Weber* (Nova York: Oxford University Press, 1946), p. 123, 323 ss.; ou Max Weber, "Politik als Beruf", p. 554-555, em *Gesammelte Politische Schriften* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988); e Max Weber, "Zwischenbetrachtung", p. 536 ss., do v. 1, de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988). Como exemplos de esferas, Weber menciona "a esfera econômica" (*die ökonomische Sphäre*), "a esfera política", "a esfera erótica" e "a esfera estética", e diz que todas elas têm uma certa autonomia e lógica interna (*Eigenengesetzlichkeit*). Observe-se que o conceito de esfera (*Lebenssphären*, *Wertsphären*) não é o mesmo que arena institucional, e sim uma espécie de arena

existencial, talvez um departamento distinto da vida. Mas, de vez em quando, Weber também usa "esfera" para designar a "esfera institucional" (*Gebiet Sphäre, Ordnung*), embora não seja como "esfera no sentido institucional" foi explicado de maneira exemplar por Robert Merton em sua introdução de 1970 a *Science, Technology and Society in Seventeenth-Century England* (Nova York: Harper & Row, [1938] 1970), p. ix-x. Nessa introdução, Merton fala de esfera como uma "esfera institucional" ou "domínio institucional" e diz que existem "vários tipos de (...) interdependência" entre esses "departamentos aparentemente autônomos da vida". Diz também que, na verdade, eles são "só parcialmente autônomos", e estão ligados pelo fato de que um indivíduo tem "múltiplos status e papéis", bem como pelo fato de existirem "consequências sociais, intelectuais e valorativas" do que é feito numa esfera pelas outras esferas. Sobre conceitos que lembram a noção de esfera social, mas são um pouco diferentes, ver, por fim, também Fredrik Barth, "Economic Spheres in Dartfur", p. 149-174, em Raymond Firth (org.), *Themes in Economic Anthropology* (Londres: Tavistock Publications, 1967); e Michael Walzer, *Spheres of Justice: A Defense of Pluralism and Equality* (Nova York: Basic Books, 1983).

⁷ Weber, numa carta a Mina Többer, pós-datada de 15 de janeiro de 1920, em Wolfgang J. Mommsen & Wolfgang Schluchter, "Einleitung", p. 21, nota 82, em Max Weber, *Wissenschaft als Beruf, 1917/1919. Politik als Beruf, 1919. Max Weber Gesamtausgabe III/7* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1992).

⁸ Que Weber não teve tempo suficiente para preparar seu curso foi observado pelo famoso historiador Georg von Below em sua resenha do livro baseado nas aulas de Weber: Von Below disse que os outros projetos de pesquisa de Weber durante os últimos anos impediram-no de realizar esse tipo de estudo. Ver Georg von Below, "Review of Max Weber, *Wirtschaftsgeschichte, Weltanschauliches Armbüch*, n. 20, 1924, p. 487.

⁹ Siegmund Hellmann & Melchior Palys, "Vorbenutzung der Herausgeber", p. xviii, em Weber, *Wirtschaftsgeschichte*. Só um dos cadernos nos quais se baseia *História geral da economia* existe até hoje, embora seja provável que os editores originais dessa obra tinham de cinco a oito exemplares à sua disposição. Ver Johannes Winkelmann, "Vorwort zur dritten Auflage", p. xiii ss., em *Wirtschaftsgeschichte*. Não há detalhes sobre o teor das notas; também não se sabe o que os editores resolveram acrescentar a elas. Como as notas do próprio Weber para o curso consistiam em anotações extremamente concisas, parece que não foram de grande valia no processo editorial. Espera-se que alguma luz seja lançada sobre a produção de *História geral da economia* quando a obra for publicada na *Gesamtausgabe* (edição das obras completas).

¹⁰ Entre os erros factuais, pode-se mencionar as afirmações de Weber de que a utilização do carvão de coque foi descoberta em 1735 (p. 305) e que foi Simon Stevin o primeiro a insistir, em 1698, no procedimento de fazer o balanço contábil (p. 275). Hoje em dia, em geral se considera que a utilização do carvão de coque foi concebida algumas décadas antes, embora haja uma certa dúvida sobre o ano exato. Ver, por exemplo, David Landes, *The Unbound Prometheus* (Nova York: Cambridge University Press, 1969), p. 89. Quanto ao problema de quem foi o primeiro a insistir em fazer o balanço contábil, a visão corrente é que isso aconteceu muito antes do que Weber julgava. Segundo várias fontes, Lucas Pacioli fez isso no século XV; ver, por exemplo, Bruce Carruthers & Wendy Nelson Espeland, "Accounting for Rationality: Double-Entry Bookkeeping and the Rhetoric of Economic Rationality", *American Journal of Sociology*, n. 97, 1991, p. 36 ss.; Alfred Plummer, "Review of Max Weber, *General Economic History*", *Economic Journal*, n. 38, 1928, p. 465. Para uma data ainda mais antiga, ver Raymond De Roover, *Business, Banking and Economic Thought* (Chicago: University of Chicago Press,

1974), p. 120. Uma questão mais difícil, mas igualmente relevante nesse contexto, é se, no geral, a visão que Weber tinha de certos fenômenos históricos era correta ou não. Raymond De Roover afirma, por exemplo, que Weber é culpado de mostrar uma "visão idílica" das guildas em *História geral da economia*. Com isso ele quer dizer que Weber "apresenta [as guildas] como órgãos previdenciários que impediam uma competição injusta, protegiam os consumidores contra a fraude e a exploração, criavam oportunidades iguais para seus membros e asseguravam para eles uma vida modesta, mas decente, de acordo com os padrões tradicionais". Ver Raymond De Roover, "The Concept of the Just Price: Theory and Economic Policy", *Journal of Economic History*, n. 18, 1958, p. 418-419. É preciso observar que nenhum dos grandes historiadores que examinaram a *História geral da economia* — como Heckscher, Usher e Below — notaram ou mencionaram erros no texto. Que eles discordavam da ênfase de Weber em certos fenômenos e que achavam que ele negligenciava certas questões é um outro problema. Só tenho conhecimento de dois erros de transcrição. Segundo Robert K. Merton, é provável que exista um erro de transcrição em *História geral da economia* ligado à relação entre protestantismo e ciência; e, segundo Ernst Moritz Manasse, há um erro sobre raça. Ver Robert K. Merton, "Puritanism, Pietism and Science" (1936), p. 63-4, em *Social Theory and Social Structure* (Nova York: Free Press, 1968); Ernst Moritz Manasse, "Max Weber on Race", *Social Research*, n. 14, 1947, p. 210, nota 41. Em geral, como Merton observa em outro momento, os textos que foram reestruturados como *História geral da economia* são "vulneráveis a críticas por vários motivos". Ver Robert K. Merton, "On the Oral Transmission of Knowledge", p. 24, em Robert K. Merton & Marjorie White Riley (orgs.), *Sociological Traditions from Generation to Generation* (Norwood, N.J.: Ablex Publishing Corporation, 1980). Talcott Parsons chama *História geral da economia* de "simples esboço" e diz que essa obra "não pode ser considerada uma afirmação adequada dos resultados das pesquisas de [Weber] em história econômica ou institucional, particular de teoria sociológica e metodologia das ciências sociais". Ver Talcott Parsons, "Introduction", p. 3, em Max Weber, *The Theory of Social and Economic Organizations* (Nova York: Oxford University Press, 1947). A postura crítica de Parsons talvez se deva ao fato de que muitas das definições de Weber estavam truncadas na reconstrução do curso dado por ele. Eli Heckscher, que era menos sensível do que Parsons às definições concisas — porém mais erudito em história econômica —, diz que "os alunos conseguiram captar as idéias dele [de Weber] em suas anotações sem, ao que parece, nenhum erro grave". Ver Eli Heckscher, "Den ekonomiska historiens aspekt", *Historisk tidsskrift*, n. 15, 1930, p. 20.

¹¹ Para outras informações acerca desse curso, ver o apêndice sobre a evolução do pensamento de Weber no campo dos estudos econômicos.

¹² Eli Heckscher, *Industrialtimen. Den ekonomiska utvecklingen sedan 1750* (Estocolmo: Kooperativt förbundets bokförlag, 1938), p. 346; A. P. Usher, "Review of Max Weber, *General Economic History*", *American Economic Review*, n. 18, 1928, p. 105.

¹³ Segundo Usher, *História geral da economia* devia ser vista basicamente como um exemplo de "interpretação sociológica da história econômica"; ver Usher, "Review of Max Weber, *General Economic History*", op. cit., p. 104-105. Segundo Eli Heckscher, em 1930, a *Wirtschaftsgeschichte* de Weber estava "muito próxima" da "sociologia econômica (*ökonomisk sociologi*)"; ver Heckscher, "Den ekonomiska historiens aspekt", op. cit., p. 28. Alguns anos depois, quando Heckscher preparou uma versão abreviada do mesmo artigo para um público inglês, disse que, como Weber considerava a ordem cronológica, "*História geral da economia* (...) não é, a rigor, história econômica, e sim sociologia econômica"; ver Eli F. Heckscher, "The Aspects of Economic Development", p. 706, em *Economic Essays in Honour of Gustav Cassel* (Londres: George Allen & Unwin, 1933). Segundo Torsten Gärdening, o próprio Heckscher não mostrava interesse pela

- sociologia de Weber, nem pela sociologia econômica em si (Toussen Gärdling, conversa telefônica com o autor, 5 de dezembro de 1995). Finalmente, segundo Georg Broditz, “um sistema de definições nascidas da sociologia de Weber forma o alicerce [de *Historia geral da economia*]”; e, segundo Edgar Slin, *Historia geral da economia* era pouco mais que “uma introdução à sua [de Weber] sociologia”. Ver Georg Broditz, “Recent Work in German Economic History”, *Economic History Review*, n. 1, 1928, p. 345; Edgar Slin, “Der ‘Sozialismus’ in Hellas”, p. 26, em Georg Karo et al. (orgs.), *Bilder und Studien aus drei Jahrhunderten. Eberhard Gothein zum siebenzigsten Geburtstag* (Munique: Duncker & Humblot, 1923), p. 171.
- ¹⁴ Ver o apêndice sobre a evolução do pensamento de Weber no campo dos estudos econômicos.
- ¹⁵ Max Weber, *General Economic History* (New Brunswick, N.J.: Transaction Books, 1981), p. 24, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 39. É evidente que sabemos mais hoje sobre esse tópico do que se sabia na época de Weber. Ver, por exemplo, a literatura citada em “Annotated Bibliography: Economic Development in Ancient Times”, p. 410, em Rondo Cameron, *A Concise Economic History of the World* (Nova York: Oxford University Press, 1993).
- ¹⁶ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 7, 14, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 23, 29.
- ¹⁷ Ao longo de todo este livro, traduzo a palavra alemã *Sippe* como “clã”, simplesmente, embora Weber tenha criticado explicitamente a palavra “clã”. Em *A religião da Índia* (escrito antes de *Historia geral da economia*), Weber diz que “o termo irlandês ‘clã’ é ambíguo” — o que levou os tradutores desta obra para a língua inglesa a usarem o termo “*sib*” (parentela). Ver Weber, *The Religion of India* (Nova York: Free Press, 1958), p. 53, ou “Hinduismus und Buddhismus”, p. 56, nota 1, do v. 2, de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988). Weber também discute sucintamente o termo *Sippe* em *General Economic History*, op. cit., p. 43, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 54.
- ¹⁸ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 116, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 111.
- ¹⁹ O termo alemão é *Herrenmann*, ver Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 51 ss, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 59 ss.
- ²⁰ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 95, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 95-96.
- ²¹ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 115, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 110.
- ²² Georg von Bldow, “Review of Max Weber, *Wirtschaftsgeschichte*”, *Wethnorschaftliches Archiv*, n. 20, 1924, p. 488; e Usher, “Review of Max Weber, *General Economic History*”, op. cit., p. 104. Mas ver também a crítica de Raymond De Roover, conforme citação da nota 10 deste capítulo.
- ²³ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 122, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 116.
- ²⁴ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 174, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 158.
- ²⁵ *Ibid.*, o que certamente está errado, em minha opinião.
- ²⁶ Usher, “Review of Max Weber, *General Economic History*”, op. cit., p. 104.
- ²⁷ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 195, 202-220, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 174, 180-195.

- ²⁸ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 206-207, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 184. A tradução sofreu ligeiras alterações para se adequar melhor à terminologia da tradução corrente de *Wirtschaft und Gesellschaft* para a língua inglesa.
- ²⁹ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 228, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 202.
- ³⁰ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 248, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 219.
- ³¹ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 239, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 211.
- ³² Para uma discussão do que Weber chamava de “ética interna” e “externa”, ver Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 268, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 234.
- ³³ Heckscher, “Den ekonomiska historiens aspekter”, op. cit., p. 20; Usher, “Review of Max Weber, *General Economic History*”, op. cit., p. 104; e von Bldow, “Review of Max Weber, *General Economic History*”, op. cit., p. 487-488.
- ³⁴ Randall Collins, “Weber’s Last Theory of Capitalism: A Systematization”, *American Sociological Review*, n. 45, 1980, p. 925.
- ³⁵ Em primeiro lugar, Collins afirma que Weber resumiu a maior parte de sua pesquisa recente sobre a história do capitalismo em *Historia geral da economia*, enquanto von Bldow prova, veementemente, que Weber não estava tão bem preparado para dar um curso desse tipo como estaria se não tivesse se dedicado a outros projetos de pesquisa durante seus últimos anos. Ver von Bldow, “Review of Max Weber, *Wirtschaftsgeschichte*”, op. cit., p. 487. Em última análise, Weber já dispunha de uma análise “institucional” em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* ainda que a noção de causalidade de Weber ficou muito simplificada na “cadeia causal” de Collins (Collins, “Weber’s Last Theory of Capitalism”, op. cit., p. 931).
- ³⁶ Sobre o uso que Weber faz do termo “capitalismo racional” (“*rationaler Kapitalismus*”, “*moderner nationaler Kapitalismus*”) e “capitalismo ocidental” (“*ökzidentaler Kapitalismus*”), ver *General Economic History*, op. cit., p. 335, 350, 360, 312, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 286, 307, 299, 269.
- ³⁷ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 360, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 307.
- ³⁸ Ver Werner Sombart, *The Jews and Capitalism* (New Brunswick, N.J.: Transaction Books, 1913) 1982).
- ³⁹ Weber, *General Economic History*, op. cit., p. 312-313, 356, 366, ou *Wirtschaftsgeschichte*, op. cit., p. 269, 304, 312.